



Pesquisa inédita avalia conhecimento da população sobre a tuberculose

Uma pesquisa quantitativa de opinião pública realizada pelo Núcleo de Pesquisas da Universidade Federal Fluminense (DataUFF) demonstra que 51% da população afirma ter conhecimento sobre os diferentes aspectos da tuberculose. Apesar disso e de ser uma doença

antiga considerada emergência global pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 1993, a falta de informação é ainda um dos principais desafios enfrentados para o seu controle. Hoje, o Brasil é o 18º país com maior número de casos de tuberculose no mundo: 80.000 novos casos por ano.

O estudo inédito foi encomendado e coordenado pelo Projeto Fundo Global TB ? Brasil, administrado pela Fiotec/Fiocruz, para contribuir com o avanço das políticas públicas de saúde voltadas para o controle da tuberculose. Segundo coordenadora do projeto, Cristina Boaretto, a motivação foi identificar e avaliar o nível de conhecimento da população brasileira sobre a tuberculose para subsidiar, com respaldo empírico, a discussão e o desenvolvimento de estratégias mais efetivas que promovam avanços no controle da doença.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 18 de janeiro e 11 de fevereiro deste ano, com 3.369 brasileiros maiores de 16 anos residentes em 53 municípios brasileiros, de pequeno, médio e grande porte, incluindo as 26 capitais e o Distrito Federal. O trabalho envolveu cerca de 150 profissionais coordenados pelo DataUFF em todo o território nacional.

Conhecimento sobre tuberculose

Foram abordados diferentes aspectos da doença: prevenção, sintomas, formas de transmissão, tratamento, cura, preconceito e estigma. Apesar do elevado percentual dos entrevistados declararem não saber nada sobre a doença (49,0%), os dados permitem afirmar que o brasileiro, quando questionado diretamente sobre características da doença, tem noção que a tuberculose é uma doença transmissível e pode ser prevenida, que toda a população é suscetível, e que tem tratamento e cura. Entre os entrevistados, 81,3 % informaram que a tuberculose é transmissível, por meio da tosse (37,4%) e 71,8% disseram que conhecem os sintomas da doença. Ao serem perguntados espontaneamente quais seriam os sintomas (média de duas respostas por pessoa), 87,1% responderam ?tosse?, 44,2% responderam ?febre?, 34,1% responderam ?escarro com sangue?.

A pesquisa mostrou também que 34,0% dos entrevistados conhecem alguém que teve ou tem tuberculose. Esse grupo é composto por 67,3% de pessoas com idade entre 25 e 59 anos; 75,4% têm até o 1º grau completo e 68,8% têm renda familiar de até quatro salários mínimos.



Para a coordenadora adjunta da pesquisa pelo DataUFF, Salete Da Dalt, os dados sugerem que conhecer alguém que teve ou tem tuberculose é mais freqüente na população em posição socioeconômica mais desfavorável, de maior vulnerabilidade social.

Ainda de acordo com as respostas deste grupo, a proporção de pessoas que concluiu o tratamento é de 81,3%. O tratamento foi interrompido por 18,7% das pessoas conhecidas, sendo que 40,4% das interrupções foram atribuídas à morte dos doentes. Responderam que a tuberculose tem cura 87,9% dos entrevistados deste grupo.



Estigma e preconceito

O desconhecimento sobre a tuberculose propicia atitudes preconceituosas que terminam por discriminar e isolar as pessoas com a doença. Os doentes estigmatizados retardam, muitas vezes, a busca por atendimento, a realização de exames diagnósticos e têm dificuldades de adesão ao tratamento. São fatores que interferem na cura do doente.

A pesquisa confirma a carga de preconceito e estigma que ainda envolve o imaginário popular em relação à doença; 56,4% das respostas propõem o isolamento das pessoas doentes, quer por seu isolamento físico quer evitando compartilhar objetos de uso comum.

Quando perguntados sobre o que é necessário fazer para que uma pessoa com tuberculose não transmita a doença, os resultados reforçam que ainda há muito estigma como pode ser observado na tabela abaixo. Cada pessoa forneceu, em média, 2 respostas. Considerando o total de respostas (7.426), os maiores percentuais estão concentrados em 'evitar o uso de objetos utilizados pela pessoa doente?' e 'evitar contato físico com a pessoa doente?', 17,2% e 11,7% das respostas respectivamente.



Mesmo no grupo dos 34,0% de entrevistados que conhecem alguém que teve ou tem tuberculose, que em tese tiveram maior oportunidade de conhecer a doença, o preconceito também pode ser demonstrado. Na tabela abaixo podemos observar que a reação das pessoas em relação a quem teve tuberculose denota o estigma. Embora 27,2% dos entrevistados tenham respondido que nada mudou em relação às atitudes com a pessoa com o diagnóstico de tuberculose, a proporção daqueles que se afastaram e evitaram qualquer contato (29,9%) foi grande, aumentando quando somado com aqueles que dizem que separaram os utensílios utilizados pelo doente para fazer refeições (34,3%).

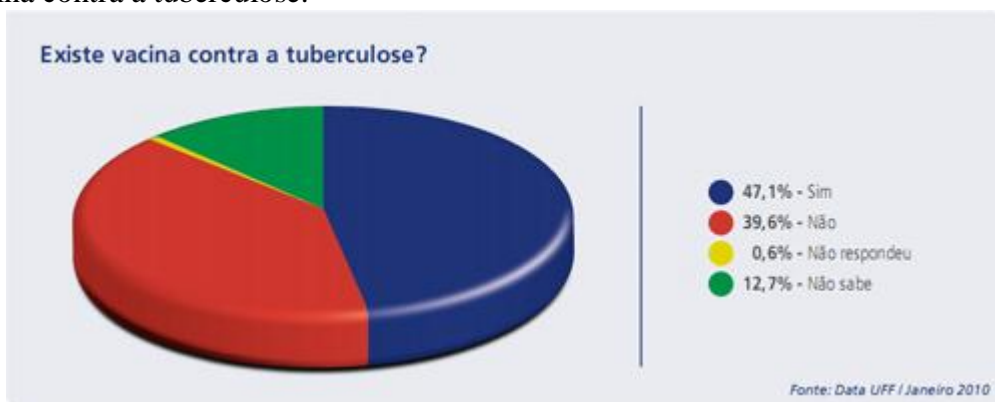
Reação das pessoas próximas depois de diagnosticada a doença

Reação	%
Separação de talher, copo, prato, etc	34,3
Isolamento (evitar falar, chegar perto, tocar)	29,9
Outro	8,6
Nada mudou	27,2
Total	100,0

Fonte: Data UFF / Janeiro 2010

Vacina

A pesquisa também abordou outros indicadores de conhecimento relacionados à doença, como a vacina BCG. Apenas 47,1% dos entrevistados responderam que existe vacina contra a tuberculose.



Quando questionados sobre a finalidade da vacina, as respostas reforçam o desconhecimento ou a falta de informação sobre este tema. Apenas 3,2% indicaram a função de proteção contra as formas graves da doença.

Diagnóstico

O serviço público foi a opção de escolha de encaminhamento (79,7%) para o atendimento de uma pessoa com suspeita de tuberculose.

Poucos entrevistados relatam conhecer os exames feitos para o diagnóstico da tuberculose: apenas 36,6% disseram saber quais são estes. Por outro lado, dentre os que afirmaram conhecer os exames, boa parte realmente sabe que a tuberculose é uma doença que atinge o pulmão. A radiografia do pulmão foi muito mencionada, assim como o exame de escarro, embora em proporção muito menor.

Tratamento

É bastante alto o percentual de pessoas que afirmaram não conhecer a forma de tratamento contra a tuberculose (74,5%) e 52,6% consideram que para fazer o tratamento é necessário internar o doente.

O estigma da tuberculose e a preocupação dos entrevistados em isolar o doente mais uma vez aparecem nas respostas que indicam a necessidade de internação para tratamento da doença.



Quando perguntadas sobre a duração do tratamento, 42,0 % sabiam que dura 6 meses; no entanto 29,9% desconhecem a sua duração.

Tempo de tratamento contra a tuberculose

Intervalo de tempo
3 semanas
1 mês
2 meses
6 meses
1 ano
Mais de um ano
Mais de dois anos
Não respondeu
Não sabe
Total

Com relação ao tempo de tratamento necessário para diminuir o risco de transmissão da doença, 40,4% não sabiam responder. Apenas 2,7% informaram corretamente o tempo de 15 dias.

Relação com o SUS

A grande maioria dos entrevistados procura os postos de saúde (72,9%) e hospitais

públicos (55,1%) quando tem problemas de saúde. A proporção de utilização dos serviços públicos pode também ser inferida dos 83,7% de respostas daqueles que não utilizam hospitais ou clínicas particulares.

Para o coordenadora do Projeto Fundo Global, Cristina Boaretto, esta é outra informação relevante para o planejamento de ações e estratégias na área: deve-se levar em consideração que a maior parte da população busca atendimento nos serviços públicos de saúde. ?Precisamos incrementar as ações que envolvam toda a atenção básica, que é a porta de entrada ao SUS. É fundamental envolver e capacitar as equipes que atuam tanto nos postos de saúde quanto no Programa Saúde da Família para ampliar o tratamento supervisionado (estratégia DOTS ? Directly Observed Treatment Short-course) e difundir informação que promova o controle social da tuberculose?, sugere.

Quando tem problemas de saúde procura

Procura ...	Postos de Saúde	Hospitais Públicos	Hospitais/Clinicas Particulares
Sim	72,9	55,1	16,2
Não	27,0	44,9	83,7
Subtotal	99,9	99,9	99,9
Não respondeu	0,1	0,1	0,1
Não sabe	0,0	0,0	0,0
Subtotal	0,1	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Data UFF / Janeiro 2010

O gráfico abaixo apresenta a distribuição das pessoas que afirmam utilizar os postos de saúde segundo a sua escolaridade. A proporção de pessoas usuárias com baixa escolaridade é grande: 80,7% s tem escolaridade até primeiro grau completo.



Entre os entrevistados, 41,6% consideram os serviços de saúde pública utilizados como ótimos ou bons e 23,7% como ruins ou péssimos. O percentual é expressivo uma vez que para uma grande maioria são esses os serviços utilizados, referência para resolução dos problemas de saúde.

Foi possível verificar que 59,0% dos entrevistados procuraram atendimento nos últimos seis meses anteriores a realização da pesquisa e 90,3% nos últimos dois anos, ou seja, o percentual de pessoas que demandaram os serviços de saúde é alto.

Na última vez que procuraram os serviços de saúde, 61,2% procurou um posto de saúde e 32,9% procuraram um hospital público.

Perfil socioeconômico dos entrevistados

A pesquisa entrevistou homens (49,9%) e mulheres (50,1%) seguindo-se a distribuição etária brasileira apurada no último Censo, realizado no ano 2000. Como explica Salette Da Dalt, do DataUFF, o grau de escolaridade também foi fixado

metodologicamente.

Na maioria dos domicílios a renda familiar é de até cinco salários mínimos: destes 9,5% tem renda de apenas um salário, 29,0% entre dois e três e apenas 18,0% de três a cinco salários. Para a renda familiar contribuem até dois moradores em 78,7% dos domicílios. A grande maioria das famílias mora em casa própria (70,5%), e apenas 22,2% dos entrevistados arcam com aluguel.

Em 69,4% dos domicílios o número de moradores é de até quatro pessoas. Chama a atenção o número de pessoas vivendo em dois (10,8%) e três cômodos (15,3%), o que soma 26,1%. Outros 42,7% vivem em quatro (22,4%) ou cinco (20,2%) cômodos e apenas 13,9% das casas possuem mais de seis compartimentos. Apenas 70,4% dos domicílios possuem esgoto ligado à rede pública, 83,2% tem abastecimento de água da rede pública com relógio e 12,1 sem relógio.

O resultado completo será apresentado no [IV Encontro Nacional de Tuberculose](#), que será realizado de 26 a 29 de maio, no Rio de Janeiro.

O Projeto Fundo Global Tuberculose Brasil

O Fundo Global apóia o Governo Brasileiro no controle da doença desde 2007, com um aporte de recursos da ordem de US\$ 27 milhões até 2012. O Projeto é desenvolvido numa parceria do governo com a sociedade civil. São apoiadas atividades e ações que contribuam para a melhoria da cobertura do tratamento supervisionado (estratégia DOTS) e a conseqüente redução de incidência, prevalência e mortalidade da tuberculose. O objetivo é alcançar as metas definidas para o Programa Nacional de Controle da Tuberculose (PNCT), do Ministério da Saúde:

- 1) Ampliar a cobertura da estratégia DOTS;
- 2) Reduzir, até 2015, a prevalência e a morte causada por tuberculose em 50% em relação a 1990;
- 3) Eliminar, até 2050, a tuberculose como um problema de saúde pública, limitando-a a um caso por milhão de habitantes.

Atualmente, o projeto abrange 57 municípios das regiões metropolitanas de Belém, São Luís, Fortaleza, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Baixada Santista e Porto Alegre e o Município de Manaus, áreas que concentram 45% dos casos de tuberculose no Brasil.

Mais informações:

Projeto Fundo Global Tuberculose Brasil

Av. Almirante Barroso, 54 / 15º andar - Rio de Janeiro - RJ ? CEP 20.031-000.

Tel: (21) 3122-4412

Na internet: www.fundoglobaltb.org.br

E-mail: contato@fundoglobaltb.org.br